

# O TRONO

Airton Paschoa

Já pensei jogá-lo fora e desisto, receio não ter força ou ele não passe pela porta. Às vezes lamento a indecisão, que me obriga ao exercício penoso de recolher as pernas e me dobrar sobre a mesa para escrever. O esforço é tamanho que às vezes me estico quase inteiro sobre ela, a ponto de ficar assim um tempo incalculável, imóvel, para descansar. Quando dou por mim, volto imediatamente à posição original e recomeço. Quero dizer, não tão imediatamente, porque exige opinião largar uma posição confortável e recompor-se de novo, de joelhos. Demoro um pouco, confesso, e acho que estou demorando cada vez um pouco mais, mas me curvo, porque me impele o senso de dever enérgico. Bem, já fora mais. Não, minto, ele continua enérgico. É que às vezes ao acordar, o que é próprio e horrível dessa fase, tudo me parece menos sólido, imponderável, remoto. A mesa larga e comprida é quase uma estrada, na ponta da qual diviso cai-não-cai o lápis, da grossura de um tronco. Às vezes acordo a tempo ainda de ver a última folha aterrizando no horizonte, como nuvem. Eu, lento, pesado, não anelo senão espreguiçar e tão perpetuamente que parece não ter mais fim o cansaço, o corpo. E eis que sobrevém a tarefa pior, descer e localizar e capturar os fugitivos e subir no trono novamente e tentar me acomodar para outra investida. Faço-o me arrastando, literalmente. Às vezes a sorte me brinda e, a despeito do susto de me topar no chão, chego a sorrir quase, não sei se com o meio caminho de repente andado ou com o fato de ter sobrevivido na queda. Mesmo assim tão brutal permanece o esforço de reavê-los que apenas retorno e me deito ao largo no carvalho úmido, frio, sereno, e durmo. Ou não durmo, porque não sei exatamente como fico. Acho que fico encantado com a floresta de sombras nascentes, de vento, de água, de vozes, rumorosa, até que a lua pega fogo e me obriga a achar refúgio num canto do trono. Ali geralmente fico cantando baixinho para adormecer a dor ou essa impressão dolorosa na altura do ventre, fundo. E fatalmente entraria na eternidade sem dar conta se um clarão repentino, seguido de um trovão medonho, não espantasse minhas noites de sossego. Me assola um sol eterno, selvagem. Renuncio ao trono e busco abrigo para salvar a pele. Palmilho o território todo, inutilmente. Me imagino em carne viva, horrendo. Mas não, me paralisa um medo infundado ao passar por ele, consigo olhar no espelho, alto, que vem do teto ao piso quase. É tarde porém. O sol eterno apagou, tão subitamente quanto acendeu, e cresce a impressão dolorosa, essa dor, que nada pode aplacar, nem mesmo o líquido que sinto correr ao longo do corpo. Espero sinceramente estar morto amanhã.